

Mesmo sem a imponência dos tempos do Império, o bairro guarda ainda muitas lembranças da Bahia antiga.

Largo 2 de Julho, página rica da história.

O Largo Dois de Julho, um dos mais centrais e tradicionais bairros de Salvador, está hoje bastante diferente dos tempos do império quando era considerado um dos endereços mais chiques da cidade. Apesar de conservar o calçamento de pedra de suas ruas estreitas e os casarões seculares em estilo colonial, o progresso modificou tanto a vida do bairro, que hoje já há até motéis de alta rotatividade.

Mesmo assim, as donas-de-casa ainda consideram o Largo Dois de Julho um bom lugar para viver. Bem perto de casa, dizem elas, é fácil encontrar

tudo: carne, aves, cereais e até animais de estimação.

Uma privilegiada vista para a Baía de Todos os Santos é uma das principais atrações do bairro formado pela Praça Inocêncio Galvão, o largo propriamente dito, e ruas em sua volta, como o Areal de Cima, Areal de Baixo, Rua do Sodré e a rua do Paraíso. O progresso trouxe ao bairro enormes edifícios, mas entrando por um dos becos calçados com pedra tem-se a mesma sensação de um mergulho num livro de história: o que não faltam são casarões antigos como o prédio onde funciona o Colégio

Ipiranga e o Museu de Arte Sacra.

O bairro é hoje povoado principalmente por estudantes, que lá instalam suas repúblicas e é também conhecido em toda a cidade por ser o principal ponto do comércio de carnes, aves e pescados de Salvador.

Hoje, a única queixa dos moradores fica por conta da segurança que é considerada insuficiente, e do calçamento que precisaria de uma conservação maior. Ao contrário de outros pontos da cidade, os moradores gostam do lugar onde moram, "por ter tudo perto" a saída e transporte fácil para os demais pontos da cidade.



A localização do bairro é perfeita e não faltam serviços aos moradores.

IMPÉRIO

No Largo Dois de Julho, no período colonial e nos tempos do império, moraram algumas das famílias mais tradicionais de Salvador. O poeta Castro Alves foi um dos moradores da redondeza e chegou, mesmo, a morrer na casa onde hoje funciona o colégio Ipiranga. Mesmo que hoje abrigue estudantes do interior e famílias de classe média, o bairro ainda conserva os ares de requinte dos outros tempos. É na igreja de Santa Teresinha, Museu de Arte Sacra, que costumam acontecer os casamentos chiques de Salvador.

No largo, as principais atrações são uma loja de animais vivos que chama bastante a atenção das crianças e o que sobrou do antigo mercado das Flores que foi transferido para lá. Ingredientes de culinária baiana, como dendê, gengibre e camarão seco, comida sertaneja como carne de sol, sarapatel, fato e mocotó são vendidos em plena rua, assim como mariscos e temperos frescos. Os melhores da cidade, dizem algumas donas de casa, mas igualmente os mais caros, como afirmam alguns moradores da área como a comerciária Agda Maria de Souza.

Morar no bairro é tranquilo. Somente a segurança é que tem criado problemas nos últimos tempos. Os roubos de carro têm sido constantes e os moradores reivindicam providências urgentes junto a polícia. Algumas famílias estão querendo mudar de endereço. Se sentem perturbadas com o número crescente de motéis instalados na área e que são frequentados por bancários, comerciantes, funcionários públicos e até mesmo executivos que trabalham no Comércio, o centro financeiro da cidade e um dos bairros vizinhos.

ROMANCES POVOAM A LONGA EXISTÊNCIA DO BAIRRO.

Última morada do poeta Castro Alves.

Mesmo que os moradores se sintam abandonados e sujeitos à ação dos marginais, não faltam tradição e história no largo Dois de Julho. Lá morreu e morreu o poeta Castro Alves, cujos romances com as vizinhas povoam até hoje a história do bairro. Nos anos 50 e 60, o largo Dois de Julho concentrou as principais boites da cidade, a Cloc, no fim da rua do Paraíso, da qual só resta o prédio, e a Anjo Azul, que fechou suas portas nos anos 70 após uma polémica que envolveu os principais intelectuais da cidade.

É ainda no largo Dois de Julho que está situado um dos dois únicos clubes carnavalescos da cidade que conseguiram sobreviver. É o Fantoches da Euterpe, hoje transformado em clube social, com piscina e todas as mordomias e que é frequentado principalmente pelos moradores do lugar. Mesmo tendo crescido e se modificado, o clube ainda conserva o ar de tradição dos tempos em que participava dos desfiles de clubes com imensos carros alegóricos.

Descendo a ladeira do Sodré, há pelo menos dois prédios que marcam a tradição do bairro. O primeiro é o do Colégio Ipiranga, última residência do poeta Castro Alves, que lá viveu seus últimos dias e seu último romance: com a italiana Agnese Murri. Mais adiante está o do antigo Convento de Santa Teresinha, um prédio imenso, cercado de árvores frutíferas, hoje transformado em Museu de Arte Sacra e onde costuma casar os socialites da cidade.

Apesar de sofrer alguma descaracterização (a boite Anjo Azul foi mesmo transformada em padaria apesar dos imensos protestos dos intelectuais, e é crescente o número de motéis no bairro), o que não faltam são casarões seculares cheios de grades trabalhadas. Uma coisa que desapareceu do bairro e faz falta aos moradores do largo Dois de Julho é o cinema Capri, desativado após um incêndio e que nunca mais foi restaurado, apesar de ter sido um dos melhores da cidade.

FLORES

Lá para tricô e crochê, mariscos frescos vindos diretamente das ilhas da Baía de Todos os Santos, uma profusão de flores como rosas e crisântemos e até um mynah (passaro falante vindo da Ásia) são algumas das coisas comercializadas no largo Dois de Julho. Quem mora lá se queixa dos preços, mas reconhece as vantagens de morar num lugar "onde se tem de tudo à mão". Da carne para a feijoada ao animal de estimação e até assistência técnica para o som ou videocassete.

Mas, o que mais chama a atenção no bairro são as flores e os canários. Na loja Tic-Tac, que desde 1973 comercializa animais de estimação como pintos, canários, periquitos e coelhos, crianças não param de entrar e sair para olhar os animais. O ambiente é como o das lojas de desenhos animados, cheio de gaiolas onde canários e periquitos não param de cantar um só instante e o passaro asiático, o animal mais caro da loja, C\$ 18

mil, começa a balbuciar algumas palavras.

Carlos Alberto Bitencourt, dono da Tic-Tac, diz que não tem do que se queixar. Sua principal clientela são criadores de coelhos e aves, que estão sempre em contato com ele. Os preços variam. Mas ele diz que o local é o principal tranfo para que a loja tenha dado certo. "É um bairro central, que todo mundo conhece, fácil de ser atingido de carro ou de ônibus, embora o fechamento da rua do Cabeça e a mudança do terminal de ônibus tenha prejudicado um pouco".

Do outro lado da praça, os remanescentes do antigo mercado das flores são uma outra atração para quem passa pelo local. Uma enorme profusão de rosas de todas as cores, margaridas, gerânios, crisântemos dão um colorido diferente ao bairro. A principal clientela são as pessoas idosas. Gente que compra flor para levar ao cemitério, ou mesmo quem ainda mantém o hábito de enfeitar a casa.



Mercado das Flores, um dos pontos mais marcantes do bairro.